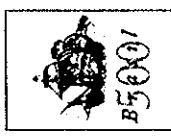


RELIGIÃO Para entidade, pedido de desculpas a cardeal Sodano apoia igreja a protesto de índios

# CNBB teme reação do Vaticano a ato

ARMANDO ANTONORE  
PATRICIA ZORZAN  
enviados especiais a Porto Seguro



Na avaliação da cúpula da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), o pedido de desculpas feito ao cardeal Angelo Sodano pelo bispo de Eunápolis, d. José Edson Santana Oliveira, pode ratificar no Vaticano a sensação de que

parte da igreja brasileira apoiou o protesto dos índios na celebração dos 500 anos da Primeira Missa.

Anteontem, durante missa presidida pelo cardeal no centro de Porto Seguro, d. José Edson pediu perdão pelo protesto feito por um grupo de cerca de 40 índios durante a celebração da missa dos 500 anos de evangelização.

Em discurso, o pataxó Jerry Adriani Santos de Jesus, conhecido como Matalaué, criticou o tratamento dado às populações índi-

genas desde o Descobrimento.

A Folha apurou que d. Jayme Chemello, presidente da CNBB, demonstrou preocupação com a possibilidade de as declarações do bispo de Eunápolis passarem ao Vaticano a imagem de que o protesto teria sido organizado com o apoio do chamado setor progressista da entidade. Ontem, o bispo afirmou que essa foi de fato sua intenção.

“Pedi desculpas porque gostaríamos de dar a ele (o cardeal) a

melhor recepção. O cardeal não compreendeu aquela atitude forte, se aquilo estava sendo dito para ele. Pedi perdão por aquilo que ele não compreendeu”, afirmou d. José Edson.

Segundo o bispo, o cardeal Angelo Sodano, secretário de Estado do Vaticano e segundo homem na hierarquia da igreja, teria ficado abismado com a utilização de certas expressões por Matalaué.

“Ele foi usado, mas palavras como ‘você não têm vergonha’, que

equivalem a chamar a todos de sem vergonha, são muito fortes. Essa agressão foi exagerada e a pessoa que fez isso (escrever o discurso) não demonstrou fidelidade ao cargo que ocupa na CNBB.

Foi uma traição”, atacou ele. Matalaué afirmou que o texto lido na missa foi de sua autoria. Pela manhã, a CNBB criticou a miséria, o processo de privatização, o desemprego, a corrupção e a falta de reforma agrária no país.

“Para o social, há pouco dinheiro

ro, mas para a corrupção, há muito”, disse d. João Omeres Marchionari, bispo de Lages (SC).

Ao comentar as discussões no Congresso sobre o salário mínimo de R\$ 151, disse ainda que “os responsáveis pelo país não têm conhecimento sobre a realidade do brasileiro”. “É como diz o ditado. Estando eu e minha burra cheia, tanto se me dá que viva ou morra a mulher alheia”, afirmou d. Francisco Austregésilo, bispo de Afogados da Ingazeira (PE)

## Críticas a Nóbrega e Anchieta devem ser retiradas de carta

dos enviados especiais

A carta sobre os 500 anos de evangelização do país que a 38ª Assembléia Geral da CNBB vai divulgar no próximo dia 3, em Porto Seguro (BA), não deverá mais criticar as ações dos padres Manuel da Nóbrega e José de Anchieta, os dois principais missionários jesuítas do Brasil colonial.

Reunidos na cidade baiana desde a última quarta-feira, cerca de 200 bispos preparam o documento, que apontará os efeitos positivos e negativos do catolicismo entre os brasileiros.

A mensagem do episcopado — intitulada “Carta de Santa Cruz Cabrália e Porto Seguro” — também irá trazer uma análise do país de hoje e pedidos de perdão pelos erros da igreja contra negros e índios.

Vem sendo elaborada a partir de um anteprojeto com 16 páginas, que está em sua segunda versão.

Um grupo do clero progressista, designado pela presidência da CNBB, terminou de redigir a primeira há quase dois meses e a remeteu para todos os bispos do

Brasil, a fim de que sugerissem cortes e adendos.

O anteprojeto que é discutido pelos bispos na Bahia engloba, portanto, tais observações.

### Críticas

Quando analisava o papel da igreja na catequização dos índios, a primeira versão fazia ressalvas à conduta do padre José de Anchieta (1534-1597), beatificado pelo papa João Paulo 2º.

Dizia: “Mesmo um homem santo e culto como Anchieta aparece, aos olhos dos críticos de hoje, como que dividido entre sua boa fé e sua sensibilidade poética, por um lado; e uma atitude, às vezes, de

imposição da nova religião aos índios, por outro”. A frase foi inteiramente suprimida da segunda versão.

Algo semelhante ocorreu com o trecho que tratava de Manuel da Nóbrega (1517-1570). Na primeira versão, condenava-se o fato de o missionário ter defendido o aldeamento de índios “nômades ou semi-nômades”.

Na segunda, o nome do padre Manuel da Nóbrega desaparece, embora seja mantida a crítica contra os colonizadores que, aderindo ao “pseudo princípio da guerra justa”, forçaram as populações indígenas a se fixar em aldeias.

Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte \_\_\_\_\_

Data 29/4/2000 Pg 1-9

Class. 261